



Sociedade das Ciências Antigas

SANTO AGOSTINHO



"O beleza antiga e sempre nova, muito tarde te conheci, muito tarde te amei"...

Infância e Juventude

Aurelius Augustinus, Aurélio Agostinho ou como é mais conhecido Santo Agostinho, nasceu em Tagasta, cidade da Numídia na África, de uma família burguesa, a 13 de novembro do ano 354. Seu pai, Patrício, era pagão, e recebeu o batismo pouco antes de morrer; sua mãe, Mônica, pelo contrário, era uma cristã fervorosa, e exercia sobre o filho uma notável influência religiosa. Com a idade de 8 anos, sofreu um mal súbito que quase lhe tira a vida. Foi atacado por uma doença do estômago incomum e o tratamento parecia não surtir efeito, levando a família a pensar que a morte venceria inevitavelmente. No meio dos incômodos da doença, o menino pediu para ser batizado.

Naquela época era costume batizar as pessoas depois de adultas, já suficientemente doutrinadas com os conhecimentos fundamentais da religião. Contudo era uma emergência, a sua vida extinguia-se e a mãe preocupada pediu à Igreja que lhe administrasse o Sacramento do Batismo. Às pressas foram feitos todos os preparativos e quando tudo estava pronto para iniciar a cerimônia, sem qualquer explicação, a dor cessou e pouco tempo depois, ele estava completamente curado. Teria sido um milagre? Certo é que em vista do acontecimento, resolveram transferir o batizado, para quando ele tivesse mais idade, seguindo regularmente os costumes estabelecidos.

O menino crescia e sempre revelou grande vivacidade, nos ensinamentos e nas brincadeiras. No colégio mostrava-se um pouco desatento, sendo por isso castigado pelos professores. Com o passar dos anos, seus pais almejando um futuro brilhante para o filho, decidiram mandá-lo para uma escola famosa em Madaura, que possuía excelentes professores. Contudo, se por um lado a nova escola ofereceu-lhe uma aprendizagem eficaz e evoluída, por outro, sendo a maioria dos habitantes formada por gente aristocrática, corrupta e pagã, eram muito freqüentes os festins e as orgias desenfreadas em honra dos deuses e isto foi péssimo para o seu caráter em formação. Aquela influência maléfica atingiu-o em cheio, excitando os seus sentidos e aos 16 anos, estava preocupado

quase que exclusivamente com a satisfação da sensualidade e dos sentidos. Seus pais, preocupados com aquela mudança, resolveram tentar dar outra direção à vida do filho, mandando-o para Cartago, na certeza de que encontraria um ambiente mais sadio e disciplinado, já que lá também existiam excelentes escolas e nisso foram ajudados por um amigo, Romaniano, que lhes emprestou o necessário, a fim de que pudessem custear os estudos do filho. Agostinho viajou para Cartago no ano 370 de nossa era, e desde o início, aplicou-se com toda disposição aos estudos, ocupando o primeiro lugar na escola.

Os mestres, os colegas de classe e os amigos que lá granjeou, logo previram que bem depressa ele terminaria o curso de Direito e seria um brilhante advogado no Fórum Cartaginês. Todavia, também em Cartago, apesar de possuir melhores companhias, estava sempre rodeado de muita tentação. Porque a cidade era uma grande metrópole, onde o cristianismo sofria um combate intenso do paganismo e onde dominavam os espetáculos e as apresentações de ritos licenciosos, que chamados de artísticos, eram totalmente imorais. Ele recaiu em uma profunda sensualidade, que, segundo ele, é uma das maiores conseqüências do pecado original; que o dominou longamente, moral e intelectualmente, fazendo com que aderisse ao maniqueísmo, que atribuía realidade substancial tanto ao bem como ao mal, julgando achar neste dualismo maniqueu a solução do problema do mal e, por conseqüência, uma justificação da sua vida. Tendo terminado os estudos, abriu uma escola em Cartago, depois partiu para Roma e, em seguida, para Milão. Afastou-se definitivamente do ensino em 386, aos trinta e dois anos, por razões de saúde e, mais ainda, por razões de ordem espiritual.

A mãe

Mônica, sua mãe, nasceu no ano 331 na cidade de Tagaste, província romana da Numídia, atualmente Argélia, na África. Desde muito jovem revelou um grande amor a Deus, deixando transparecer ideais sadios, ao demonstrar que compreendia as dores e as misérias da humanidade. Os pobres representavam uma grande preocupação em sua vida e procurava visitá-los e socorrê-los nas suas necessidades. Chegava a privar-se de uma porção de alimento, escondendo-o para que ninguém observasse e depois, diligentemente esperava na porta de sua casa a passagem de um pobre, para oferecer-lhe aquela refeição. Esta era uma das muitas e habituais astúcias que caridosamente praticava às escondidas. Estava com 20 anos de idade quando foi dada por seus pais em casamento a Patrício, que fazia parte da Câmara Municipal de Tagaste. Patrício tinha um bom coração, mas era pagão, indiferente a tudo que se relacionasse com religião e tinha uma vida pouco exemplar. Era de temperamento violento, por motivos banais perdia a tranqüilidade e ficava zangado. Sair a cavalo, ir à caça, ostentar a dignidade de decurião nos dias de festas, fiscalizar os escravos e fazer negócios no mercado, consistiam suas principais atividades e preocupações. A diferença de idade também era grande, Patrício tinha o dobro da idade de Mônica. Era realmente difícil compreender ou explicar aquela união, uma vez que o gênio e comportamento de cada um, os colocavam em posições diametralmente opostas.



Mas os pais de ambos não pensavam assim, preocupavam-se com a segurança financeira e o destaque que tinham as respectivas famílias na sociedade e por isso, combinaram tudo entre si. Casaram-se e com a idade de 23 anos Mônica deu à luz o primeiro filho Aurélio Agostinho, no dia 13 de novembro do ano 354. O segundo filho foi Navígio e mais tarde teve uma filha chamada Perpétua que se tornou freira. Embora Mônica criasse os filhos com os mesmos cuidados e carinhos, tinha uma especial predileção por Agostinho. Foi assim que desde tenra idade, o filho foi-se acostumando com as atenções de sua mãe e a ouvir semanalmente, as noções básicas da Doutrina Cristã.

Mas, apesar de sua dedicação aos estudos, Agostinho encontrou no meio de tanta volúpia e sensualidade, a mulher que ele amou e que também o amava, sua companheira durante 15 anos de vida que mantiveram em comum. Dessa união nasceu uma criança que recebeu o nome de Adeodato.

Mônica agora tinha dois grandes e graves problemas para solucionar. Patrício, seu marido, que continuava pagão e volúvel, preocupando-se exclusivamente com os afazeres e as distrações, e seu filho, que se enveredara pelo caminho do pecado, vivendo com uma mulher com a qual já tinha uma criança. Era verdadeiramente uma situação desesperadora, considerando aquela alma sensível de esposa e mãe, dedicada exclusivamente a família, ver cada dia aumentar o abismo em que se precipitavam os seus entes queridos, cada vez mais se afastando de Deus.

Mas ela não desanimou, continuou fervorosamente com as orações suplicando a misericórdia Divina para o seu marido e seu filho, rezando perseverantemente para que Deus se apiedasse de seus pecados e lhes concedesse o perdão, infundindo naqueles dois corações empedernidos a luz da responsabilidade e da razão, transformando aquelas vidas.

A Conversão de Patrício

Como resultado de suas constantes orações, no ano de 371, Patrício converteu-se ao cristianismo, pedindo para ser batizado. Este foi o coroamento feliz de um trabalho longo e insano, que Mônica penosamente desenvolveu junto a ele, doutrinando-o com as verdades de Deus. Contudo, os anos já tinham levado a mocidade de Patrício e com 60 anos de idade, a saúde já declinava. Contraiu uma grave moléstia que o levou ao leito e debilitou gravemente sua resistência física. Acabou por não resistir, morrendo pouco tempo depois.

Mas a conversão dele foi uma das maiores alegrias de Mônica, que a consolava nos momentos de tristeza pela ausência do marido, e lhe dava a certeza de que ele tinha alcançado o perdão do Criador. Isto aliviava todos os seus sofrimentos e as dificuldades que encontrava, confortando-lhe o espírito, proporcionando-lhe um novo e forte alento, para seguir na luta, agora buscando também a conversão de seu filho.

Agostinho já estava há algum tempo em Cartago quando soube da morte do pai. Resignou-se rapidamente e de certa forma, até rejubilou-se com o acontecimento, pois o seu pai depois de convertido representava um freio à sua libertinagem. Aquelas recomendações e conselhos que insistentemente lhe transmitia, agora terminaram para sempre. Pensava: "O estudante de Cartago obtivera um brilhante êxito, que superou a expectativa dos pais, e por isso, pelo fato de ter plenamente correspondido aos desejos deles, achava-se como que, dispensado da obrigação do reconhecimento".

Por esta manifestação estranha, pode-se imaginar o posicionamento anormal de seu espírito, que revelava um mau caráter e uma disposição egoísta, com um sentimento mesquinho e totalmente

vazio de valores morais. Na verdade, Agostinho estava vivendo numa terrível confusão de idéias, sem saber qual o caminho a seguir.

A busca de um caminho espiritual

Dono de um temperamento irrequieto e instável decidiu partir para a pesquisa, iniciando a busca da verdade, procurando estudar e observar todas as religiões, principalmente àquelas onde constava o nome do Senhor. Todavia, é importante esclarecer que ele somente procurava as religiões que tinham Jesus Cristo como Salvador, mas não queria saber da Cruz do Redentor. Com isto, o que ele desejava encontrar era uma comodidade espiritual, ter uma religião "fácil", que combinasse com o seu atual modo de viver. E desta forma, gradativamente foi-se afastando do cristianismo, até que resolveu entrar na seita dos Maniqueus.

Inscreeveu-se como "ouvinte", mas em pouco tempo, graças à sua inteligência viva e a fluente maneira de se expressar, ocupou a cátedra para fazer sermões e exaltar sua nova religião. E nas homilias sempre citava os nomes de Jesus Cristo e do Espírito Santo, muito embora no conjunto das palavras, só denotassem erros grosseiros a respeito da doutrina Divina.

Mônica não desanimava. Lutava com todas as armas que podia, realizando um esforço gigantesco para convertê-lo, mas ele mantinha-se irredutível, orgulhoso e seguro de seus conhecimentos. Ela insistia. Numa ocasião, recorreu ao Bispo de Tagaste pedindo sua intercessão. O prelado conhecia Agostinho desde a infância, sabia da dureza de seu gênio e de sua obstinação férrea em defender suas teorias, por isso sugeriu-lhe que por hora deixasse as coisas assim, que continuasse com suas suplicantes orações, Deus saberia agir no momento certo. Mas o tempo corria ligeiro e a conversão não acontecia.

Viagem a Roma

Agostinho, por sua vez, vendo que financeiramente não conseguia realizar-se em Cartago, resolveu viajar para Roma em busca de um campo de trabalho mais amplo, com melhores condições e onde poderia concretizar seus ideais. Sua mãe, ao saber da notícia, ficou desesperada e foi a seu encontro. Conversou e insistiu com fortes argumentos, apelando inclusive para o sentimento dele, a fim de que não viajasse. De nada adiantou e ele partiu de navio para a Itália, depois de arditamente deixá-la rezando na capelinha de São Cipriano, que ficava próxima ao cais. Mônica de tanto rezar, adormeceu... Quando acordou, procurou pelo filho, mas já era tarde. O navio estava longe. Nem se conseguia distinguir a sua silhueta no horizonte. Triste e cansada, voltou para Tagaste.

Chegando a Roma, Agostinho encontrou hospitalidade na casa de um outro maniqueu. Contudo, a vida em Roma estava muito difícil, isto porque, embora tivesse muitos alunos, na hora de receber o dinheiro correspondente ao seu trabalho, poucos pagavam, arrecadando um valor que praticamente não atendia as suas necessidades. Certo dia surgiu uma imprevisível oportunidade. De Milão enviaram uma carta ao Prefeito de Roma, solicitando um professor de retórica para a Escola da cidade. A notícia espalhou-se e ele tomou conhecimento do fato por intermédio de amigos que tinham relações na municipalidade.

Foi pessoalmente conversar com o Prefeito e solicitou o referido emprego. Símaco, que era o Chefe Municipal, para testar a sua capacidade intelectual, propôs-lhe um tema sobre o qual deveria discursar e argumentar, o que foi fácil para ele, pois era a sua especialidade. Aprovado no teste, seguiu para Milão no ano 384. Lá, trabalhando sério e com dedicação, em pouco tempo fez fortuna. Instalou-se convenientemente e chamou sua companheira e seu filho Adeodato, que tinham ficado em Cartago, passando a viver numa casa próxima à Escola.



As notícias circularam rápido. O êxito de Agostinho e sua decisão de chamar a amante chegaram aos ouvidos de Mônica, que imediatamente embarcou para Milão levando consigo seu filho Navígio. Foi uma surpresa para ele, pois imaginava que onde se encontrava, jamais seria incomodado por sua mãe. Mas a verdade é que ela seguiu para a Itália, movida por uma poderosa inspiração, que lhe deu forças e estímulo para continuar na luta e alcançar o maior objetivo de sua vida: a conversão de Agostinho.

No caminho da conversão

Por essa época, Agostinho já andava desiludido com o maniqueísmo, começava a perceber as suas imperfeições e disparates. Em Milão, atraído pelo dom de oratória do Bispo Ambrósio, foi algumas vezes à Igreja para ouvir suas homilias. Aquela maneira de falar tão cativante, amistosa e paternal de Santo Ambrósio, levou-o a procurá-lo diversas vezes para conversarem sobre religião, ensejando-lhe ouvir os argumentos do prelado sobre temas que intimamente lhe perturbavam. Estava assim, numa fase de transição, querendo saber qual era a verdade e sentia que no seu cérebro havia uma torrente caudalosa de conceitos e teorias, que confundiam sua razão, deixando-o desorientado, não lhe permitindo enxergar a realidade dos fatos.

E foi justamente esta a primeira notícia boa que Mônica teve, logo que chegou. Sem dúvida, uma notícia alvissareira, porque relacionada com o seu principal objetivo, que era converter Agostinho. Por isso mesmo, assim que encontrou seu filho, foi procurar o Bispo com quem conversou longamente sobre Agostinho. O prelado ficou admirado com o fervor daquela mulher, em querer por todas as maneiras possíveis, recuperá-lo e reconduzi-lo ao cristianismo, fazendo reviver em seu coração a chama verdadeira do amor divino. E por isso se dispôs a ajudá-la no que fosse necessário, a fim de que ela conseguisse êxito em seu objetivo.

Dessa forma, nas oportunidades que surgiam, propositalmente Mônica deixava o filho em companhia do Bispo. Os diálogos animados que aconteciam, alegravam-no e também iam satisfazendo o seu desejo pessoal de conhecer a verdade. Entretanto, muito vaidoso pela posição de Reitor que ocupava na Faculdade, às vezes permanecia na expectativa, ansiando receber de Dom Ambrósio um elogio sobre a sua excelente conduta na Escola. Mas o Santo prelado, que lia o seu coração e via aquele desejo estampado, com habilidade procurava remover aquela fraqueza de seu caráter, agindo de maneira indireta, tecendo sinceros e merecidos elogios à sua mãe, ressaltando sua piedade cristã e sobretudo, revelando com ênfase, o imenso carinho que ela tinha por ele.

As missas que Agostinho tinha voltado a frequentar, para ouvir os sermões do Bispo, começaram a despertar-lhe uma atração cada vez maior pela grandeza do conteúdo que encerra o mistério eucarístico, que aos poucos ia gravando em seu coração e desmoronando os últimos baluartes que continham guardadas aquelas falsas e errôneas idéias sobre o cristianismo. Mas, o retorno teria que ser total, não havia condições para meio termo. Foi assim que a razão começou sobrepujar a matéria e a definir os rumos de sua vida.



A situação apresentava-se sob quatro ângulos e em cada um desses ângulos estava um protagonista: Agostinho, Mônica, a amante e Adeodato, que necessitavam de urgente solução para as suas vidas a fim de definir a posição de cada um. Do estudo e entendimento entre eles, teria que sair a solução para o problema.

O matrimônio de Agostinho com a amante, legalizando a vida em comum, tornou-se impossível por uma infinidade de motivos: ela era uma mulher pagã, de princípios e por ações; representava um passado vivo que tinha que ser esquecido, pois ambos praticaram o maniqueísmo, seguindo regularmente os preceitos da seita, a qual ela ainda estava ligada. A união de ambos também não atendia ao conceito tradicional de família e vida conjugal cristã. Por isso Mônica não estava animada em sugerir uma legalização da união, principalmente agora, quando seu filho começava a vislumbrar as luzes do verdadeiro caminho que conduz a Deus, à medida que pesquisava e estudava os fundamentos da religião. Mas também, havia o lado humano da questão, que tornava a separação dolorosa e repleta de tristezas. Assim, depois de muitas palavras veio o ajuste final. Ele ficou com o filho Adeodato e a mulher voltou sozinha para Cartago.

Foi um drama essa separação, que lhe causou angústias e aflições. E no meio de uma terrível luta íntima, revelou ser um grande homem, pois se humilhou com decisão, reconhecendo seus erros e sua insensatez optando definitivamente pelo correto. Sofreu conscientemente, porque reconhecia que aquela era a única solução. Com o passar das semanas, as chagas foram cicatrizando e a paz lentamente veio chegando a seu coração. Mas os dias ainda eram muito sombrios. Na sua mente a volúpia passou a operar intensamente, despertando desejos proibidos, que lhe corroíam a alma. Era a lembrança do mal, sempre presente, que lhe incitava e fustigava no mais íntimo sem que ele pudesse, apesar de toda a sua erudição, conseguir uma maneira de vencer a tentação. A concupiscência era muito forte, dilacerava suas entranhas, enfraquecia sua vontade, entorpecia sua mente e confundia-lhe o raciocínio, produzindo uma cruel insegurança e uma vergonha que até transformava sua fisionomia.

Certo dia, na ausência do Bispo, procurou o Padre Simpliciano que viera de Roma para ser o diretor espiritual de Ambrósio. Simpliciano era como um pai para o Bispo, pois o tratava com desvelo e com todos os cuidados de um atencioso protetor. Agostinho abriu o coração e contou sua vida ao Padre. O prelado silenciosamente ouviu o relato sem nada comentar, porém, quando Agostinho

falou que tinha lido uns livros platônicos traduzidos para o latim por Vitorino, o Padre quebrou o mutismo e deu-lhe os parabéns pelo fato de os ter lido e não se ter enveredado por escritos de outros filósofos, menos escrupulosos e cheios de engano.

Padre Simpliciano conheceu Mario Vitorino pessoalmente e sabia que ele era um filósofo muito respeitado. Dada a sua projeção intelectual, teve uma estátua no Fórum de Trajano, em Roma, como homenagem aos seus grandes conhecimentos e a sua obra. Entre outras, traduziu para o latim a Isagoge de Porfírio, a Eneida de Plotino e as Categorias de Aristóteles.

Escrevia sobre filosofia, retórica e religião, mas seus conceitos religiosos deixavam muito a desejar, porque estavam impregnados de heresia, oriundas de pesquisas mal orientadas. Mas Vitorino converteu-se com a ajuda do Padre Simpliciano e tornou-se um valente cristão, sendo inclusive memoravelmente batizado na Catedral de Milão.

Para aqueles que tinham muita fama, ou que tinham pouco desembaraço, ficando acanhados no momento da cerimônia, a Igreja permitia que fizessem reservadamente o voto de fé. Mas Vitorino tinha pregado abertamente a heresia contra a doutrina cristã, usado de todos os seus conhecimentos e da sua inteligência para apontar erros na religião católica. Por este motivo, resolveu professar publicamente a Doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, desculpando-se assim, de seu passado cheio de equívocos e inverdades.

O exemplo de Vitorino, revelando uma decidida coragem na busca da "verdade fundamental", sensibilizou Agostinho e foi calar bem no fundo de seu coração, que ardeu de desejos em imitá-lo, apesar de naqueles tempos ainda viver sob uma terrível dúvida, sem saber qual o caminho que deveria seguir. E nesta guerra íntima certo dia em que se encontrava com o espírito extremamente exaltado e com o coração torturado por um turbilhão de dúvidas, ouviu uma voz de criança vinda da casa ao lado. Não pode verificar se era de um menino ou de uma menina. A criança apenas cantava e repetia: "toma e lê", "toma e lê".

Que significava aquilo? Seria o refrão de uma música? Certo é que olhando com atenção ao redor, observou que na pequena mesa em que se encontrava bem a sua frente, estava um livro com as Epístolas de São Paulo. Abrindo-o ao acaso, as palavras que seus olhos viram, foram:

"Como de dia andemos decentemente; não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes. Mas vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne".(Rm 13, 13-14)

Alípio, seu inseparável amigo, estava com ele e, admirado, presenciou a forte comoção que Agostinho sentiu. Não leu mais nada. Fechou o livro, abaixou os olhos e assentou-se numa cadeira próxima. Uma sensação de paz interior apossou-se dele. Finalmente, sentiu que tinha conseguido a primeira vitória sobre sua vontade. A palavra de Deus tranqüilizou sua alma, dominando a sufocante confusão de idéias e maus pensamentos que queriam arrastá-lo de volta para o vício. Era um passo importante na sua conversão. Em companhia de Alípio, fez questão de levar este fato ao conhecimento de sua dedicada mãe, ela que sacrificara a vida inteira para tirá-lo do caminho da perdição e ainda lutava com todas as forças, a fim de orientar sua alma para Deus.

Agostinho ao vê-la sentiu lágrimas de alegria inundar-lhe os olhos, enquanto jogava-se sem seus braços e, sem dizer qualquer palavra, carinhosamente acomodou-se em seu regaço. Mônica compreendeu a transformação, não eram necessárias as palavras. As suas preces tinham sido bem recebidas pelo Criador e agora começava a concretizar o seu ideal tenazmente perseguido por tantos longos anos.



Com a maior presteza Agostinho se desfez dos compromissos em Milão, pois sentia a necessidade de ficar só. Queria isolar-se o mais depressa possível, por que desejava organizar sua cabeça e sua vida, assim como também precisava de mais tempo disponível, para estudar a religião e penetrar conscientemente nos mistérios Divinos.

Retiro Espiritual

Entre os diversos amigos que conquistou na Reitoria teve em Verecundo um sincero companheiro, que conhecendo o seu problema e as suas intenções, emprestou-lhe uma casa de campo em Cassiciaco, não muito distante de Milão. Por outro lado, Romaniano, o seu grande protetor ajudou-o a comprar todo o necessário, a fim de que pudesse passar um longo tempo distante do burburinho da cidade.

Assim, terminado o ano escolar, em companhia da mãe, do irmão Navígio, do filho Adeodato e de alguns discípulos mais afeiçoados, seguiram para a Quinta de Cassiciaco, onde ficaram desde setembro de 386 a março de 387. Durante esses seis meses, permaneceram pesquisando, estudando e formando em cada um deles, uma sólida cultura cristã. A par com a conscientização e o aprofundamento doutrinário, na tranquilidade daquela linda região, preparou também o seu espírito, para que pudesse receber dignamente o Sacramento do Batismo.

Cassiciaco chama-se hoje Cassago de Brianza, está situado aproximadamente a 42 quilômetros de Milão, encravado no meio das montanhas. Na colina onde existia a casa de Verecundo, levantaram séculos mais tarde, o palácio do Duque Visconti.

Naquele recanto aprazível, tudo concorreu de maneira certa e proveitosa, para o aperfeiçoamento espiritual de todos eles. Mônica repleta de felicidade, nas folgas de suas ocupações caseiras, observava o desenvolvimento extraordinário do filho. De vez em quando, era solicitada por ele, porque reconhecia em sua mãe uma admirável experiência e grande sabedoria de vida. Mônica era convidada a participar das "rodas de fogo", quando cada pessoa tinha que explicar corretamente uma passagem da Vida de Jesus, ou alguma trecho da moral cristã, ou ainda, um aspecto doutrinário de uma determinada literatura, que era colocada em evidência.



Agostinho estava envolto por um ardentíssimo amor a Deus, que abrasava seu coração com ímpeto e o levava a exclamar com indizível ternura:

"Ó beleza antiga e sempre nova, muito tarde te conheci, muito tarde te amei"...

Voltando à cidade, foi batizado na Catedral de Milão pelo Bispo Ambrósio. Nesta oportunidade, também foram batizados Adeodato e os discípulos que o acompanhavam. Seu irmão Navió já tinha sido batizado em Tagaste.

Viagem a Óstia e a morte de Mônica

A partir daquele momento resolveu viver uma vida de recolhimento, dedicada ao Senhor, da mesma forma que decidiu voltar para Tagaste e fundar um Mosteiro. Com esta finalidade viajou para Óstia, em companhia de sua mãe, parentes e discípulos, no sentido de conseguir uma embarcação com destino à África. A viagem foi longa e muito cansativa. Mônica chegou extenuada. Na manhã do dia seguinte, depois que recebeu a Sagrada Comunhão na Santa Missa, entrou em êxtase e insensivelmente exclamou:

"Voemos ao Céu fiéis, voemos ao Céu".

Todos que se encontravam nas proximidades ficaram espantados vendo o seu rosto lívido e seus olhos fixos num ponto do firmamento, imaginando que ela fosse morrer. Interrogaram-na, chamando-a pelo nome, mas ela nada respondeu. Em Óstia alugaram uma pequena casa, onde foram morar. O imóvel estava no subúrbio da cidade, bem longe da atividade comercial e tinha um bonito e ensolarado jardim.



Certo dia, Agostinho e Mônica desfrutando do conforto daquela tranquilidade, estavam debruçados no peitoril da janela que dava para o jardim. Dali contemplavam a natureza e admiravam as maravilhas que a bondade divina fez. Dialogando em voz baixa, comentavam o esplendor e a beleza que o Criador nos proporciona, apesar de sermos criaturas repletas de imperfeições e imaginavam que, se aqui é assim, como deve ser de um encantamento indescritível aos olhos dos Anjos e Santos, a visão do Paraíso de Deus. E enquanto divagavam com o pensamento, louvando o amor divino por toda humanidade, foram arrebatados em êxtase até às Portas do Paraíso Celeste. Quanto tempo ficaram lá ninguém sabe e eles também não nos contam. Agostinho apenas escreveu:

"Enquanto assim falávamos, aspirando pela Sabedoria, atingimo-la momentaneamente num ímpeto completo do coração. Suspiramos e deixamos lá agarradas as primícias do nosso espírito".

Depois deste dia, Mônica não vivia mais na Terra. De fato, cinco dias após aquela inesquecível visão, contraiu uma febre maligna tão forte, que morreu no nono dia da enfermidade. Com 56 anos de idade foi ao encontro do Senhor na eternidade, no ano 387 de nossa era. Seu corpo foi sepultado na cripta da Igreja de Santa Áurea, em Óstia, e lá permaneceu até o ano 543, quando foi encontrado e transladado para Roma, primeiro para a Igreja de São Trifão e mais tarde para a Igreja que lhe foi dedicada.

Mosteiro em Tagaste e a morte do filho

Agostinho ainda permaneceu em Óstia aproximadamente um ano. Depois seguiu para Tagaste, onde com seus companheiros, construiu um Mosteiro e puderam dedicar-se ao trabalho de evangelização com pleno ardor. Escreveu muito, explicando de maneira incomparável uma quantidade apreciável de pontos doutrinários do cristianismo, que até aquela época, eram motivo de controvérsias e confusões.

Publicou diversos opúsculos combatendo a heresia dos donatistas e dos maniqueus, pois se sentia angustiado diante do crescimento do mal em Hipona, Cartago e Roma. Por outro lado, seus amigos e conhecidos de Tagaste, que sabiam de seu valor intelectual, de sua oratória inflamada e imponente, o procurava constantemente para que os defendessem no Tribunal, ou que servisse de mediador em alguma demanda, ou ainda, para que os ajudassem a tirar alguém da prisão, inocentemente processado e encarcerado.

Depois de muita relutância, foi convencido de que exercer o direito era também uma maneira de fazer o bem, cedeu às ponderações e aos insistentes apelos de seus amigos, e como todos

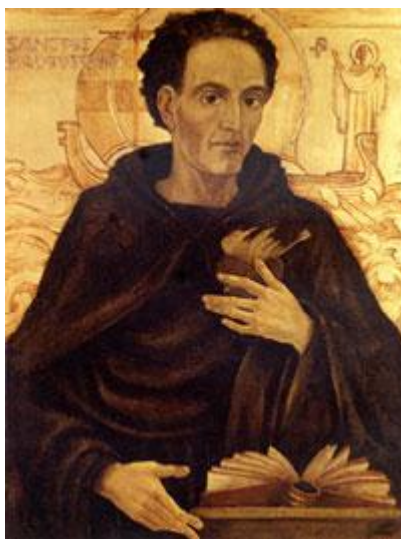
esperavam, brilhou intensamente no Fórum de Tagaste, com argumentos insuperáveis, repletos de lógica e direito.

No ano 388 morreu Adeodato, seu filho, com 16 anos de idade, vítima de uma grave moléstia que em pouco tempo o matou. Agostinho ficou profundamente triste e pesaroso, não só pela ausência dele, mas porque também o rapaz vinha demonstrando um talento especial para a oratória, além de professar com muita convicção a doutrina cristã. A partir desta época sua vida ficou totalmente absorvida pelo Mosteiro, por seus escritos e sua admirável atividade no Tribunal de Tagaste. Certo dia, um rico cidadão de Hipona, alto funcionário do Império, escreveu-lhe e o convidou a visitá-lo, com o objetivo de esclarecer alguns aspectos da religião católica e eliminar algumas dúvidas que possuía, as quais impediam-lhe de ter uma vida completamente cristã. Agostinho foi e conseguiu completo êxito em sua missão.

Ministro de Deus

Logo no primeiro domingo que passou em Hipona, foi à Igreja a fim de participar da Santa Missa. O Bispo Valério, que era o celebrante, na homilia falou sobre a escassez de sacerdotes e a necessidade premente de serem formados novos padres, para o atendimento da catequese, das obras sociais, difusão do cristianismo, celebrações dos atos litúrgicos e um melhor apostolado no seio de toda a comunidade. Algumas pessoas reconhecendo Agostinho dentro da Igreja apontaram para ele e interromperam o sermão do Bispo, dizendo em altas vozes:

"Agostinho Padre! Agostinho Padre".



Ele quis fugir, mas não deixaram. Este foi realmente foi um meio muito estranho de se fazer um sacerdote, todavia sua eleição foi prontamente confirmada pelo Bispo. Posteriormente Dom Valério pessoalmente incumbiu-se de ensinar-lhe os ritos para a celebração de missas e uso dos Sacramentos, uma vez que a parte doutrinária, ele já conhecia profundamente.

Consegue em Hipona uma área de terra com uma pequena casa, para onde transferiu o Mosteiro de Tagaste. Cheio de disposição e santos ideais, com seus companheiros aumentou e melhorou a construção, permanecendo isolado do mundo, escrevendo livros e opúsculos, estudando e pesquisando profundamente a doutrina cristã, como demonstração inquestionável de dedicado amor a Deus. Com o passar dos anos, o Bispo Valério sentindo o peso da idade, pensou em conseguir um Bispo Auxiliar para ajudá-lo na diocese e substituí-lo no momento oportuno. Aproveitando a ocasião de uma solenidade religiosa, com o apoio de Aurélio, Bispo primaz de Cartago, elegeu Agostinho Bispo Auxiliar de Hipona.

Para ele foi outra grande surpresa e anos mais tarde, com a morte de Valério, assumiu o Episcopado, tornando-se Bispo de Hipona. A verdade é que a mão de Deus apontava na direção dele, fazendo-o Pastor e vigoroso defensor de um imenso rebanho, contra as heresias que pululavam naquela época. Abriu luta intensa e destemida contra os maniqueus, infringindo-lhes derrotas sucessivas, apesar deles serem bem mais numerosos e prepotentes. Defrontando-se por escrito ou em público, com palavras eloquentes e argumentos contumazes, massacrou a ideologia absurda de seus adversários.

Depois foi a vez dos Donatistas. Foi uma luta árdua e cheia de tramas por parte do adversário, que também foi derrotado. E por fim, enfrentou e derrotou os Pelagianos, que durante 18 anos espalharam sua heresia por todas as partes. Ao mesmo tempo em que exercia esta notável atividade, desdobrava-se incansavelmente em suas funções, não se esquecendo do rebanho cristão, corrigindo abusos e distorções, aumentando consideravelmente o número de Padres e leigos dispostos a ajudá-lo no apostolado, e ainda, encontrando tempo para continuar com seus escritos. Sempre que falava em Deus, liberava o espírito e deixava que o coração se manifestasse através de seus lábios:

“Que amo eu quando VOS amo?”

“Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz tão amiga destes meus olhos, nem as doces melodias das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento e um abraço, quando amo o meu Deus. Luz, voz, perfume e abraço do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebatava, onde se exala um perfume que o vento não espargue, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminui, onde se sente um contato que a saciedade não desfaz. Eis o que amo, quando amo o meu Deus”.

Obra literária

Pela sutileza na maneira de escrever, por ter-se aprofundado com empenho em diversos assuntos, é considerado um escritor universal. Ao todo escreveu 93 obras que contam 232 livros. Escreveu ainda um número incontável de cartas e pronunciou uma quantidade incalculável de sermões. Sua obra mais profunda, foi o "Tratado da Santíssima Trindade", em que apresenta o Mistério de Deus de maneira a oferecer uma visão do mesmo, ao entendimento da humanidade. Existe uma lenda que fala das suas preocupações e do seu dedicado interesse em querer descobrir o Mistério Divino da Santíssima Trindade.

Conta-se que num certo dia, caminhando e rezando numa praia, com seus olhos perspicazes examinava a imensidão celeste enquanto que no seu cérebro surgiam uma a uma, dezenas de indagações, todas as perguntas que estavam sem respostas em sua mente. Ele buscava soluções e caminhos de raciocínio, alguma luz que o ajudasse a compreender a Verdade oculta. Eis que em dado momento, abaixando os olhos, vê na praia uma linda criança com uma conchinha na mão trazendo água do mar e colocando-a num pequeno buraco que tinha feito na areia da praia.

Aproximando-se, carinhosamente perguntou-lhe o que estava fazendo ao que a criança respondeu:

- "Estou tentando colocar toda a água do mar neste buraco".

Homem sagaz e inteligente, percebeu que aquela resposta era um recado de Deus para a sua intensa curiosidade. A mente humana é mesquinha, pequena e com pouco merecimento, para conhecer e compreender o conteúdo e a beleza do Grande Mistério de Deus.



Escreveu também "Confissões", que conta a história de sua vida e de sua conversão; a "Cidade de Deus" onde descreve a invasão de Roma pelos bárbaros de Alarico. Apesar de africano de nascimento, tinha o coração latino e ninguém sofreu mais do que ele, ao conhecer a grandeza daquele impiedoso massacre e a terrível devastação que os bárbaros impuseram ao Império Romano, que chegava ao fim, por culpa das depravações internas, pelo enfraquecimento da obediência à autoridade e pela falta de responsabilidade e honra, de seus próprios filhos.

Sem dúvida, Agostinho foi um exemplo raro de inteligência em toda a história do cristianismo. Era um pensador profundo, que em todos os temas que abordou, imprimiu um cunho especial de seu gênio. Suas obras chegaram até nossos dias, cheias de vigor e atualizadas, como se tivessem sido escritas agora. Em cada frase, em cada pensamento, sente-se o pulsar de um coração cristão, verdadeiramente apaixonado, com batidas cadenciadas e firmes, manifestando o seu imenso Amor a Deus. Uma de suas frases tornou-se inesquecível, porque interpreta com fidelidade uma espontânea e sincera manifestação de seu coração:

"Ó beleza sempre antiga e sempre nova. Tarde te amei".

Morreu com 76 anos de idade, no dia 28 de agosto do ano 430, em Hipona, na África. Além de sua notável literatura, escreveu também uma "Regra" para os seus companheiros de ideal. Em diversas partes do mundo, obedecendo a esta Regra, congregaram-se homens e mulheres, formando um grande número de Ordens e Congregações Religiosas, que levam o seu nome. As principais são: Agostinianos Assuncionistas; Ordem dos Agostinianos Recoletos; Ordem de Santo Agostinho; Ordem dos Agostinianos Descalços.

O Pensamento de Agostinho

Agostinho considera a filosofia praticamente, platonicamente, como solucionadora do problema da vida, ao qual só o cristianismo pode dar uma solução integral. Todo o seu interesse central está, portanto, circunscrito aos problemas de Deus e da alma, visto serem os mais importantes e os mais imediatos para a solução integral do problema da vida.

O problema gnosiológico é profundamente sentido por Agostinho, que o resolve, superando o ceticismo acadêmico mediante o iluminismo platônico. Inicialmente, ele conquista uma certeza: a certeza da própria existência espiritual; daí tira uma verdade superior, imutável, condição e origem

de toda verdade particular. Embora desvalorizando, platonicamente, o conhecimento sensível em relação ao conhecimento intelectual, admite Agostinho que os sentidos, como o intelecto, são fontes de conhecimento. E como para a visão sensível além do olho e da coisa, é necessária a luz física, do mesmo modo, para o conhecimento intelectual, seria necessária uma luz espiritual. Esta vem de Deus, é a Verdade de Deus, o Verbo de Deus, para o qual são transferidas as idéias platônicas. No Verbo de Deus existem as verdades eternas, as idéias, as espécies, os princípios formais das coisas, e são os modelos dos seres criados; e conhecemos as verdades eternas e as idéias das coisas reais por meio da luz intelectual a nós participada pelo Verbo de Deus. Como se vê, é a transformação do inatismo, da reminiscência platônica, em sentido teísta e cristão. Permanece, porém, a característica fundamental, que distingue a gnosiologia platônica da aristotélica e tomista, pois, segundo a gnosiologia platônica-agostiniana, não bastam, para que se realize o conhecimento intelectual humano, as forças naturais do espírito, mas é mister uma particular e direta iluminação de Deus.

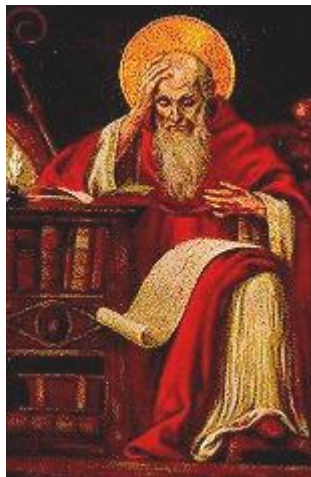


A Metafísica

Em relação com esta gnosiologia, e dependente dela, a existência de Deus é provada, fundamentalmente, a priori, enquanto no espírito humano haveria uma presença particular de Deus. Ao lado desta prova a priori, não nega Agostinho as provas a posteriori da existência de Deus, em especial a que se afirma sobre a mudança e a imperfeição de todas as coisas. Quanto à natureza de Deus, Agostinho possui uma noção exata, ortodoxa, cristã: Deus é poder racional infinito, eterno, imutável, simples, espírito, pessoa, consciência, o que era excluído pelo platonismo. Deus é ainda ser, saber, amor. Quanto, enfim, às relações com o mundo, Deus é concebido exatamente como livre criador. No pensamento clássico grego, tínhamos um dualismo metafísico; no pensamento cristão - agostiniano - temos ainda um dualismo, porém moral, pelo pecado dos espíritos livres, insurgidos orgulhosamente contra Deus e, portanto, preferindo o mundo a Deus. No cristianismo, o mal é, metafisicamente, negação, privação; moralmente, porém, tem uma realidade na vontade má, aberrante de Deus. O problema que Agostinho tratou, em especial, é o das relações entre Deus e o tempo. Deus não é no tempo, o qual é uma criatura de Deus: o tempo começa com a criação. Antes da criação não há tempo, dependendo o tempo da existência de coisas que vem-a-ser e são, portanto, criadas.

Também a psicologia agostiniana harmonizou-se com o seu platonismo cristão. Por certo, o corpo não é mau por natureza, porquanto a matéria não pode ser essencialmente má, sendo criada por Deus, que fez boas todas as coisas. Mas a união do corpo com a alma é, de certo modo, extrínseca, acidental: alma e corpo não formam aquela unidade metafísica, substancial, como na concepção aristotélico-tomista, em virtude da doutrina da forma e da matéria. A alma nasce com o indivíduo humano e, absolutamente, é uma específica criatura divina, como todas as demais. Entretanto,

Agostinho fica indeciso entre o criacionismo e o traducionismo, isto é, se a alma é criada diretamente por Deus, ou provém da alma dos pais. Certo é que a alma é imortal, pela sua simplicidade. Agostinho, pois, distingue, platonicamente, a alma em vegetativa, sensitiva e intelectiva, mas afirma que elas são fundidas em uma substância humana. A inteligência é divina em intelecto intuitivo e razão discursiva; e é atribuída a primazia à vontade. No homem a vontade é amor, no animal é instinto, nos seres inferiores é cego apetite.



Quanto à cosmologia, pouco temos a dizer. Como já mais acima se salientou, a natureza não entra nos interesses filosóficos de Agostinho, preso pelos problemas éticos, religiosos, Deus e a alma. Mencionaremos a sua famosa doutrina dos germes específicos dos seres - *rationes seminales*. Deus, a princípio, criou alguns seres já completamente realizados; de outros criou as causas que, mais tarde, desenvolvendo-se, deram origem às existências dos seres específicos. Esta concepção nada tem que ver com o moderno evolucionismo, como alguns erroneamente pensaram, porquanto Agostinho admite a imutabilidade das espécies, negada por esse mesmo moderno evolucionismo.

A Moral

Evidentemente, a moral agostiniana é teísta e cristã e, logo, transcendente e ascética. Nota característica da sua moral é o voluntarismo, a saber, a primazia do prático, da ação - própria do pensamento latino - , contrariamente ao primado do teórico, do conhecimento - próprio do pensamento grego. A vontade não é determinada pelo intelecto, mas precede-o. Não obstante, Agostinho tem também atitudes teóricas como, por exemplo, quando afirma que Deus, fim último das criaturas, é possuído por um ato de inteligência. A virtude não é uma ordem de razão, hábito conforme à razão, como dizia Aristóteles, mas uma ordem do amor.

Entretanto a vontade é livre, e pode querer o mal, pois é um ser limitado, podendo agir desordenadamente, imoralmente, contra a vontade de Deus. E deve-se considerar não causa eficiente, mas deficiente da sua ação viciosa, porquanto o mal não tem realidade metafísica. O pecado, pois, tem em si mesmo imanente a pena da sua desordem, porquanto a criatura, não podendo lesar a Deus, prejudica a si mesma, determinando a dilaceração da sua natureza. A fórmula agostiniana em torno da liberdade em Adão - antes do pecado original - é: poder não pecar; depois do pecado original é: não poder não pecar; nos bem-aventurados será: não poder pecar. A vontade humana, portanto, já é impotente sem a graça. O problema da graça - que tanto preocupa Agostinho - tem, além de um interesse teológico, também um interesse filosófico, porquanto se trata de conciliar a causalidade absoluta de Deus com o livre arbítrio do homem. Como é sabido, Agostinho, para salvar o primeiro elemento, tende a descurar o segundo.

Quanto à família, Agostinho, como Paulo apóstolo, considera o celibato superior ao matrimônio; se o mundo terminasse por causa do celibato, ele alegrar-se-ia, como da passagem do tempo para a

eternidade. Quanto à política, ele tem uma concepção negativa da função estatal; se não houvesse pecado e os homens fossem todos justos, o Estado seria inútil. Consoante Agostinho, a propriedade seria de direito positivo, e não natural. Nem a escravidão é de direito natural, mas consequência do pecado original, que perturbou a natureza humana, individual e social. Ela não pode ser superada naturalmente, racionalmente, porquanto a natureza humana já é corrompida; pode ser superada sobrenaturalmente, asceticamente, mediante a conformação cristã de quem é escravo e a caridade de quem é amo.

O Mal

Agostinho foi profundamente impressionado pelo problema do mal - de que dá uma vasta e viva fenomenologia. Foi também longamente desviado pela solução dualista dos maniqueus, que lhe impediu o conhecimento do justo conceito de Deus e da possibilidade da vida moral. A solução deste problema por ele achada foi a sua libertação e a sua grande descoberta filosófico-teológica, e marca uma diferença fundamental entre o pensamento grego e o pensamento cristão. Antes de tudo, nega a realidade metafísica do mal. O mal não é ser, mas privação de ser, como a obscuridade é ausência de luz. Tal privação é imprescindível em todo ser que não seja Deus, enquanto criado, limitado. Destarte é explicado o assim chamado mal metafísico, que não é verdadeiro mal, porquanto não tira aos seres o que lhes é devido por natureza. Quanto ao mal físico, que atinge também a perfeição natural dos seres, Agostinho procura justificá-lo mediante um velho argumento, digamos assim, estético: o contraste dos seres contribuiria para a harmonia do conjunto. Mas é esta a parte menos afortunada da doutrina agostiniana do mal.



Quanto ao mal moral, realmente existe a má vontade que livremente faz o mal; ela, porém, não é causa eficiente, mas deficiente, sendo o mal não-ser. Este não-ser pode unicamente provir do homem, livre e limitado, e não de Deus, que é puro ser e produz unicamente o ser. O mal moral entrou no mundo humano pelo pecado original e atual; por isso, a humanidade foi punida com o sofrimento, físico e moral, além de o ter sido com a perda dos dons gratuitos de Deus. Como se vê, o mal físico tem, deste modo, uma outra explicação mais profunda. Remediou este mal moral a redenção de Cristo, Homem-Deus, que restituiu à humanidade os dons sobrenaturais e a possibilidade do bem moral; mas deixou permanecer o sofrimento, consequência do pecado, como meio de purificação e expiação.

E a explicação última de tudo isso - do mal moral e de suas consequências - estaria no fato de que é mais glorioso para Deus tirar o bem do mal, do que não permitir o mal. Resumindo a doutrina agostiniana a respeito do mal, diremos: o mal é, fundamentalmente, privação de bem (de ser); este

bem pode ser não devido (mal metafísico) ou devido (mal físico e moral) a uma determinada natureza; se o bem é devido nasce o verdadeiro problema do mal; a solução deste problema é estética para o mal físico, moral (pecado original e Redenção) para o mal moral (e físico).

A História

Como é notório, Agostinho trata do problema da história na Cidade de Deus, e resolve-o ainda com os conceitos de criação, de pecado original e de Redenção. A Cidade de Deus representa, talvez, o maior monumento da antiguidade cristã e, certamente, a obra prima de Agostinho. Nesta obra é contida a metafísica original do cristianismo, que é uma visão orgânica e inteligível da história humana. O conceito de criação é indispensável para o conceito de providência, que é o governo divino do mundo; este conceito de providência é, por sua vez, necessário, a fim de que a história seja suscetível de racionalidade. O conceito de providência era impossível no pensamento clássico, por causa do basilar dualismo metafísico. Entretanto, para entender realmente, plenamente, o plano da história, é mister a Redenção, graças aos quais é explicado o enigma da existência do mal no mundo e a sua função. Cristo tornara-se o centro sobrenatural da história: o seu reino, a cidade de Deus, é representada pelo povo de Israel antes da sua vinda sobre a terra, e pela Igreja depois de seu advento. Contra esta cidade se ergue a cidade terrena, mundana, satânica, que será absolutamente separada e eternamente punida no fim dos tempos.

Agostinho distingue em três grandes seções a história antes de Cristo. A primeira concerne à história das duas cidades, após o pecado original, até que ficaram confundidas em um único caos humano, e chega até a Abraão, época em que começou a separação. Na Segunda descreve Agostinho a história da cidade de Deus, recolhida e configurada em Israel, de Abraão até Cristo. A terceira retoma, em separado, a narrativa do ponto em que começa a história da Cidade de Deus separada, isto é, desde Abraão, para tratar paralela e separadamente da Cidade do mundo, que culmina no império romano. Esta história, pois, fragmentária e dividida, onde parece que Satanás e o mal têm o seu reino, representa, no fundo, uma unidade e um progresso. É o progresso para Cristo, sempre mais claramente, conscientemente e divinamente esperado e profetizado em Israel; e profetizado também, a seu modo, pelos povos pagãos, que, consciente ou inconscientemente, lhe preparavam diretamente o caminho. Depois de Cristo cessa a divisão política entre as duas cidades; elas se confundem como nos primeiros tempos da humanidade, com a diferença, porém, de que já não é mais união caótica, mas configurada na unidade da Igreja. Esta não é limitada por nenhuma divisão política, mas supera todas as sociedades políticas na universal unidade dos homens e na unidade dos homens com Deus. A Igreja, pois, é acessível, invisivelmente, também às almas de boa vontade que, exteriormente, dela não podem participar. A Igreja transcende, ainda, os confins do mundo terreno, além do qual está a pátria verdadeira. Entretanto, visto que todos, predestinados e ímpios, se encontram empiricamente confundidos na Igreja - ainda que só na unidade dialética das duas cidades, para o triunfo da Cidade de Deus - a divisão definitiva, eterna, absoluta, justíssima, realizar-se-á nos fins dos tempos, depois da morte, depois do juízo universal, no paraíso e no inferno. É uma grande visão unitária da história, não é uma visão filosófica, mas teológica: é uma teologia, não uma filosofia da história.

Cronologia

Datas importantes em sua vida

Ano	Idade	Fato
354	00	13 de Novembro. Nasce em Tagaste.
365	11	Inicia os cursos de educação geral em Madaura.
370	16	Volta a Tagaste.
371	17	Transfere-se para Cartago, a fim de estudar Retórica e Artes Liberais.

372	18	Morre o seu pai, Patrício. Apaixona-se e junta-se a uma mulher.
373	19	Lê "O Hortênsio", de Cícero. Torna-se maniqueu (seita filosófico-religiosa). Provável nascimento de Adeodato, seu filho.
374	20	Regressa a Tagaste como professor de Gramática.
376	22	Morre um amigo íntimo. Agostinho vai de novo a Cartago como professor.
383	29	Vai para Roma, onde continua a docência.
385	31	Depois de ganhar a Cátedra de Retórica da Casa Imperial, por concurso, vai para Milão. Encontra-se com Santo Ambrósio, Bispo da cidade.
386	32	Outono: CONVERTE-SE À FÉ CATÓLICA. Passa alguns meses em Cassiciaco.
387	33	Noite da Páscoa (24-25 de abril): É batizado em Milão. Volta à África e morre sua mãe Mônica (santa), em Óstia Tiberina, porto de Roma.
388	34	Chega a Cartago e pouco depois a Tagaste. Vende suas posses e funda o primeiro mosteiro.
391	37	É ordenado Sacerdote em Hipona.
395	41	É Sagrado Bispo Auxiliar.
396	42	Sucede ao Bispo Valério em Hipona.
400	46	Publica as "Confissões".
426	72	Publica a "Cidade de Deus".
430	76	Genserico ataca Numídia e cerca Hipona. Em 28 de agosto, Agostinho morre em Hipona.

Pessoas influentes na sua vida

Sua Família

Patrício - Pai, oficial
Sta. Mônica - Mãe, fervorosa cristã.
Navigio - Irmão, morreu jovem.
Perpétua - Irmã, religiosa dos primeiros mosteiros.
Melânia - Mãe de seu filho Adeodato.
Adeodato - Seu filho, morreu jovem.

Seus companheiros e amigos

Alipio - Conterrâneo e discípulo.
Evódio - Membro do grupo em Milão.
Severo - Membro da 1ª comunidade.
Possídio - Autor da 1ª biografia e erudito cristão.
Nebrídio - Discípulo de Agostinho na Itália.

Suas motivações e inspirações

Romaniano - Rico, amigo da família.
Cícero - Poeta latino e autor de O Hortênsio.
Fausto - Chefe supremo dos Maniqueus.
Santo Ambrósio - Bispo de Milão.
S. Jerônimo - Grande estudioso e erudito cristão.
Ponticiano - Empregado da Corte Imperial.
Mario Victorino - Filósofo do século IV.

Obras mais importantes

As Confissões - Autobiografia.
A Cidade de Deus
A Trindade
Ensaio Filosófico
Tratados Educacionais e Tratados Bíblicos
Sobre a Vida Religiosa, Dogmáticos e Apologéticos.

Lugares mais importantes em sua vida

Tagaste

Cidade natal
Início dos estudos
Primeira experiência como professor de gramática
Primeiro mosteiro agostiniano.

Madaura

Educação secundária.

Cartago

Estudos superiores: artes liberais e retórica
Primeira experiência como professor de retórica
Sede de muitos concílios que participou como bispo
Fundação de um mosteiro agostiniano.

Roma

Capital do Império Romano
Cátedra de retórica
Lugar de repouso depois da morte de sua mãe.

Milão

Residência do Imperador
Cátedra oficial de retórica no palácio imperial
Lugar da sua conversão e batismo.

Óstia Tiberina

Porto marítimo de Roma
Êxtase
Morte e sepultura de sua mãe.

Cassicíaco

Vila perto de Milão

Lugar de retiro em companhia de seus amigos antes do batismo escreve vários tratados filosóficos em diálogo com seus amigos.

Hipona

Sede diocesana de Agostinho onde foi ordenado Sacerdote e depois Bispo. Fundou três mosteiros; Onde morreu e foi sepultado.



Máximas de Santo Agostinho

"Morte ao erro, amor ao que erra."

"O supérfluo dos ricos é propriedade dos pobres."

"O orgulho é a fonte de todas as fraquezas, por que é a fonte de todos os vícios."

"Com o amor ao próximo, o pobre é rico ; sem este amor, o rico é pobre."

"Uma coisa é um grande discurso, outra coisa é um grande amor."

"Quem não reza, não é humano."

"Falar com Deus é mais importante do que falar de Deus."

"Quem sabe rezar bem, sabe viver."

"Que morte pior há para a alma do que a liberdade do erro?"

"Eu não creria no Evangelho, se a isto não me levasse a autoridade da Igreja Católica".

"A certeza dada pela luz divina é maior do que a que é dada pela luz da razão natural"

"Se o compreendesses, Ele não seria Deus."

"Pois o Deus Todo-Poderoso..., por ser soberanamente bom, nunca deixaria qualquer mal existir nas suas obras se não fosse bastante poderoso e bom para fazer resultar o bem do próprio mal".

"A Igreja avança em sua peregrinação através das perseguições do mundo e das consolações de Deus".

"A Igreja recebeu as chaves do Reino dos Céus para que se opere nela a remissão dos pecados pelo sangue de Cristo e pela ação do Espírito Santo. É nesta Igreja que a alma revive, ela que estava morta pelos pecados, a fim de viver com Cristo, cuja graça nos salvou".

"A medida do amor é amar sem medida."

"As lágrimas são o sangue da alma".



Orações

Oração de Santo Agostinho – 1

A morte não é nada.
Apenas passei ao outro mundo.
Eu sou eu. Tu és tu.
O que fomos um para o outro ainda o somos.
Dá-me o nome que sempre me deste.
Fala-me como sempre me falaste.
Não mudes o tom a um triste ou solene.
Continua rindo com aquilo que nos fazia rir juntos.
Reza, sorri, pensa em mim, reza comigo.
Que o meu nome se pronuncie em casa como sempre se pronunciou.
Sem nenhuma ênfase, sem rosto de sombra.
A vida continua significando o que significou: continua sendo o que era.
O cordão de união não se quebrou.
Porque eu estaria fora de teus pensamentos, apenas porque estou fora de tua vista?
Não estou longe, somente estou do outro lado do caminho.
Já verás, tudo está bem.
Redescobrirás o meu coração, e nele redescobrirás a ternura mais pura.
Seca tuas lágrimas e se me amas, não chores mais.
Amem.

Oração de Santo Agostinho – 2

Tarde vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, Tarde vos amei!
Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora procurando-vos!
Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes.
Estáveis comigo, e eu não estava convosco!
Retinha-me longe de Vós aquilo que não existia se não existisse em Vós.
Porém, chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez!
Brilhastes, cintilantes, e logo afugentastes a minha cegueira!
Exalastes perfume: Respirei-o suspirando por Vós.
Tocastes-me e ardi no desejo de Vossa paz!
Só na grandeza de Vossa misericórdia coloco toda a minha esperança.
Dai-me o que me ordenais, e ordenai-me o que quiserdes.
Amem.

Referências

<http://novaes03.tripod.com>
<http://www.brasil.terravista.pt/jenipabu/2250/agostinho.htm>
<http://www.osa.org.br/stoagostinho/vida.html>
<http://www.mundodosfilosofos.com.br/agostinho.htm>
<http://www.oracoes.com.br>
<http://arvoredobem.ig.com.br/materias>

FIM